

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

ESPAÇOS, CORPOS E INFÂNCIAS:
COMPONDÓ COM PRODUÇÕES IMAGÉTICAS

Vinícius Marques Silva

Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite

Rio Claro (SP)

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

VINÍCIUS MARQUES SILVA

ESPAÇOS, CORPOS E INFÂNCIAS:
COMPONDO COM PRODUÇÕES IMAGÉTICAS

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
para obtenção do grau de Bacharel em
Geografia.

Rio Claro – SP

2018

Este texto se apresenta como uma composição.
Uma composição com imagens, com poemas, com experiência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais guerreiros, **José Marques e Roselita**, por todo apoio que sempre me deram.

À **Tailiny**, irmã, amiga, cúmplice e espelho.

A **toda minha família**, pela torcida e carinho mesmo que distante fisicamente.

As amigas de graduação **Andresa, Daiane, Nina e Thais**. Obrigado pelos momentos de risadas, conversas, fofocas, discussões, por todos os trabalhos que realizamos juntos, pelas viagens, festas e por todo crescimento pessoal e profissional que me proporcionaram. A graduação não seria a mesma sem vocês. Agradeço também aos demais **amigos** de sala, festas, corredores, vizinhos e esbarrões.

Ao **César**, orientador, professor, espelho. Agradeço pelo apoio, estímulos, paciência, confiança e oportunidades. Agradeço por fazer parte deste trabalho e por compartilhar de seus ensinamentos.

A **Noemi, Luana e Mariana**, amigas e parceiras da pesquisa e eventos.

Agradeço ao **Grupo I-Mago**, pelo acolhimento, reuniões, cafés, churrascos, conhecimento, experiências, trocas, ajudas, incentivos e risadas.

Aos que moraram comigo **Junior, Rodrigo e Thais**. Pelas risadas, conversas, boletos divididos, almoços compartilhados e dificuldades por estar longe de casa.

Agradeço as **crianças** pelas afetações, carinhos, imagens, lembranças. Agradeço também aos **funcionários da escola** na qual o Grupo I-Mago esteve presente, por acreditar na pesquisa, pela parceria e espaço compartilhado. E aos pais das crianças pela confiança e permitirem que seus filhos participassem da pesquisa.

Aos **professores** que passaram por mim durante o curso pelos conhecimentos e marcas deixada. Agradeço também aos demais **funcionários da Unesp**.

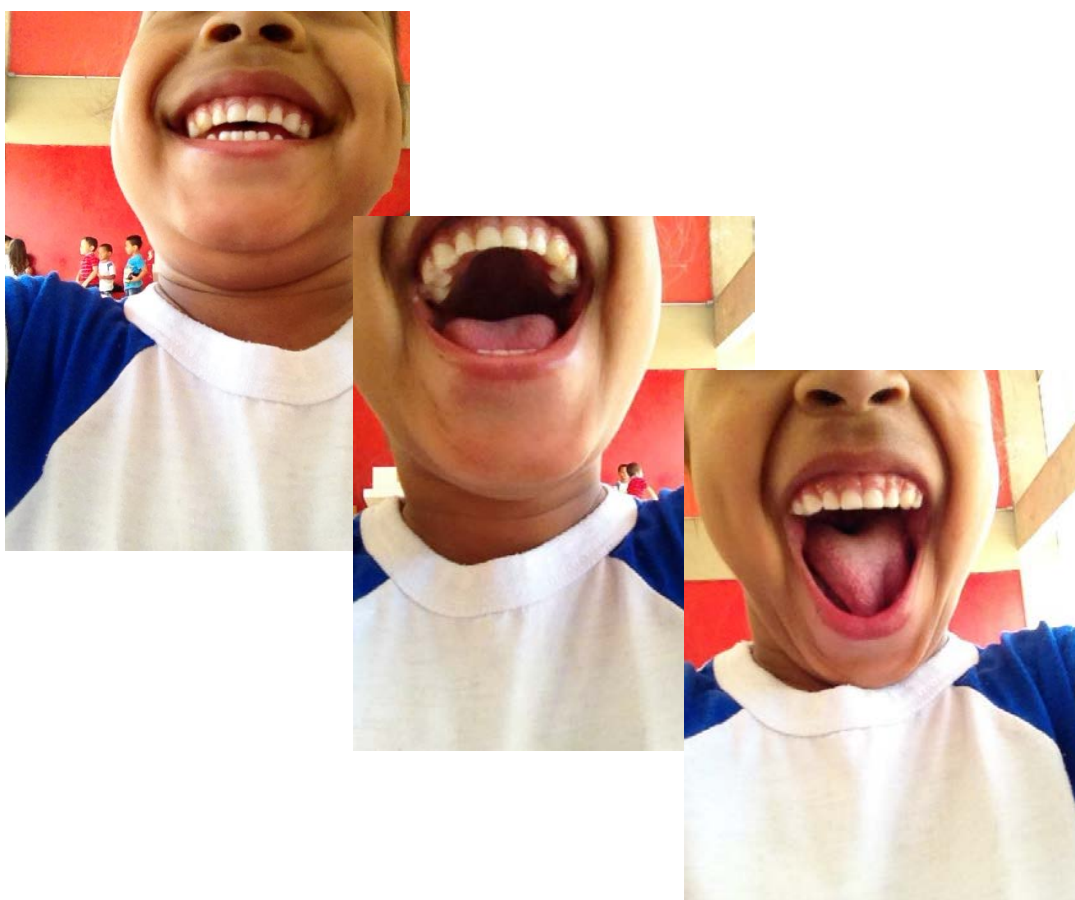
Ao **Programa Núcleo de Ensino** por me proporcionar as bolsas durante a graduação e uma formação mais ampla.

Agradeço os membros da **Geoplan** pelas risadas, dificuldades e aprendizados construídos em conjunto. Por serem o ponto fora da curva desta graduação.

Por fim agradeço **a todos** que posso ter esquecido de citar por falha de memória.

Muito obrigado.

Imagem 1: Sorrisos



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

RESUMO

A partir da pesquisa *“Do outro lado da cerca: Experiência com imagens, infância e educação. Reflexões e olhares para o Desenvolvimento Infantil a partir de produções imagéticas de professores e crianças”*, desenvolvida pelo grupo “IMAGO - Laboratório da Imagem, Experiência e Criação” algumas inquietações em torno da infância, dos espaço e corpos surgiram em mim. A pesquisa citada ocorreu no ano de 2014 com crianças de 3 a 5 anos em uma Escola de Educação Infantil, onde os alunos realizaram aproximadamente 20 mil produções imagéticas entre fotos e vídeos, capturadas de forma livremente sem um direcionamento prévio dos pesquisadores. Nestas produções podemos observar que as crianças apresentam espaços desconhecidos, espaços ocultos e espaços escondidos. São espaços desabitados por adultos e habitados apenas pelas crianças, como um outro espaço, um outro mundo. Nos apresentam também uma nova forma de olhar para o corpo, com o corpo. São corpos desfocados, retorcidos, focados, detalhes de corpos, fragmentos de corpos, detalhes e fragmentos nunca percebidos, nunca vistos. Diante dessa experiência e deste material, este texto-composição é um convite a experimentações que busca pensar com as imagens, com poemas e com relatos, sem procurar por verdades, mas sim experimentando as potências que emergem a partir destas produções e de outras experiências dentro do grupo.

Palavras-chave: Infância; Imagem; Espaço; Corpo.

ABSTRACT

From the research "On the other side of the fence: Experience with images, childhood and education. Reflections and Looks for Child Development from Imaginary Productions of Teachers and Children ", developed by the group" IMAGO - Laboratory of Image, Experience and Creation "some concerns about childhood, space and bodies arose in me. The research cited occurred in the year 2014 with children aged 3 to 5 years in a School of Early Childhood Education, where students made 20,000 imaginary productions among photos and videos, captured in a free way without prior guidance of researchers. In these productions can be visualized as the service units with unknown spaces, hidden spaces and hidden spaces. They are spaces uninhabited by adults and inhabited only by children, as another space, another world. They also present a new way of looking at the body, with the body. They are blurred, twisted, focused bodies, details of bodies, fragments of bodies, details and fragments never seen, never seen. Faced with this experience and this material, this text-composition is an invitation to experimentation that seeks to think with images, with poems and with reports, without seeking for truths, but rather experiencing the powers that emerge from these productions and other experiences within the group.

Keywords: Childhood; Image; Space; Body.



SUMÁRIO

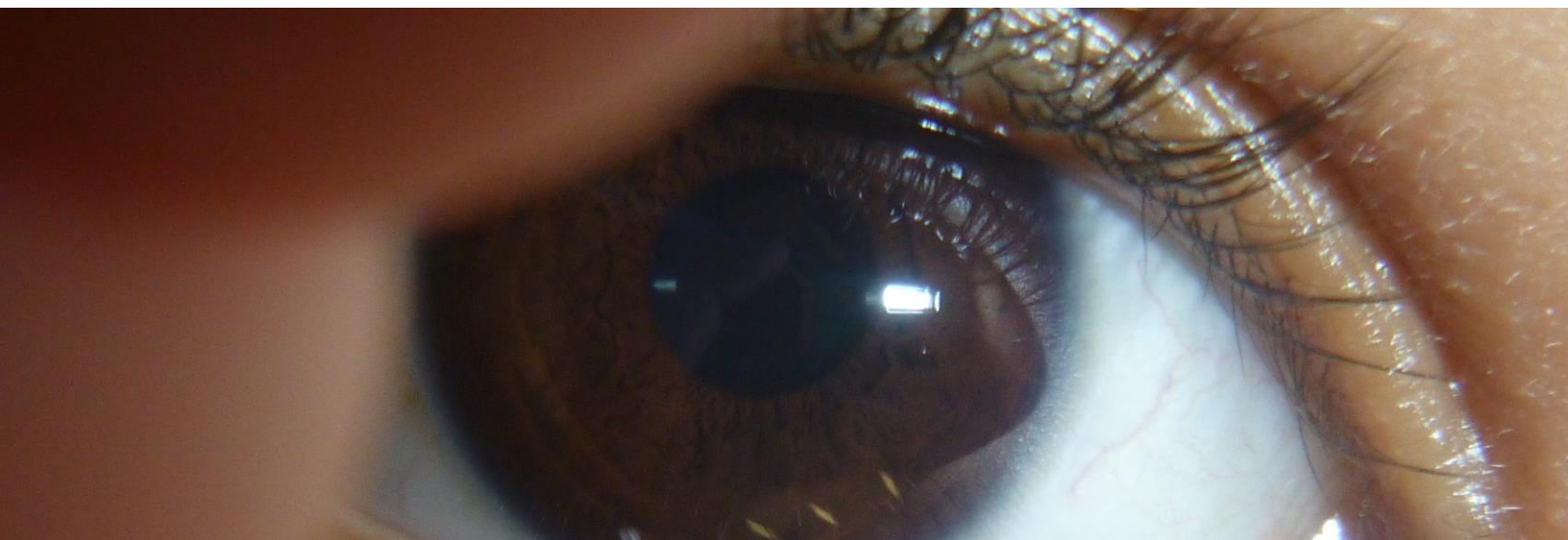
1. INTRODUÇÃO	9
2. DAS PRODUÇÕES IMAGÉTICAS	14
3. INFÂNCIAS OUTRAS	19
4. ESPAÇOS, MUNDOS	22
4.1. Por entre conceitos de espaço	24
4.2. Escapando e profanando	25
4.3. Seres pequenos, pequenos seres	28
4.4. Fora das linhas	30
4.5. Grandes pequenos	32
4.6. Grades vazantes	33
4.7. Ocupações	35
5. CORPOS OUTROS	36
5.1. Zoom	37
5.2. Novos corpos	39
5.3. Corpos moldados	40
5.4. Esse meu dedo	42
6. CONSIDERAÇÕES (SEM) FINAIS, IMAGÉTICAS E POÉTICAS	43
TRILHOS PERCORRIDOS (REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS)	45
ANEXO	47



1. INTRODUÇÃO

Um mesmo texto pode ter diferentes interpretações depende do lugar que circula, temos autores que escrevem e incomodam, não explicam. (BAKHTIN, 2000, p. 9)

Imagem 2: Olho



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Em 2014 entrei para a universidade, mais especificamente no curso de Geografia, e neste mesmo ano iniciei como bolsista em uma pesquisa desenvolvida no grupo *"I-MAGO – Laboratório da Imagem, Experiência e Criação"*¹. Este grupo, coordenado pelo Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite, realiza pesquisa na área da educação, infância e cinema desde 2006, com produções imagéticas desenvolvidas por crianças e professores da Rede Pública de Rio Claro – SP.

Como desdobramento de projetos anteriores² do Grupo Imago surge a pesquisa intitulada *"Do outro lado da cerca: Experiências com imagens, infância e*

¹ O termo I-mago possui sua origem no latim e quer dizer Imagem, que nos auxilia a refletir sobre processos de produção de subjetividades na cultura contemporânea. O termo "mago" também nos remete a magia ou a quem faz a magia, o que se relaciona intrinsecamente as reflexões suscitadas pelo grupo referentes à busca por linhas de fuga frente às formas de controle exercidas na atualidade.

² "A cena que encena a educação: a construção de olhares a partir do cinema, da infância e da formação do professor", 2006;

educação. Reflexões e olhares para o Desenvolvimento Infantil a partir de produções imagéticas de professores e crianças”³. Esta pesquisa teve como objetivo, a partir das produções imagéticas de crianças e professores de Educação Infantil, refletir sobre as possibilidades que estas produções oferecem para construção de caminhos e para reflexões acerca das práticas educativas do professor e dos processos de desenvolvimento infantil.

As crianças não apresentavam “preocupação” em pensar qual a utilidade das imagens que produziam, a maioria não pensava em enquadramento, foco, luz e outras questões que envolvem a captura de imagens. O que interessava para elas eram as brincadeiras, experiências, experimentações e a intensidade do que acontecia naquele instante.

Notamos durante as coletas e nas discussões do grupo que os equipamentos utilizados pelas crianças se apresentavam como se estivessem ‘incorporados’ aos corpos dos pequenos, “são corposcâmeras se produzindo em camerascorpos, corpos zoons, corpos quebras, corpos cenas, corpos montagens” (LEITE, 2013, p. 9).

Os pequenos tratavam os equipamentos com habilidade e destreza como se tivessem utilizados os equipamentos durante toda vida. Seus corpos funcionavam como o zoom dos equipamentos. Para aproximar de um alvo, elas andavam ou esticavam o braço com o equipamento em direção ao objeto para dar o “zoom” desejado.

Assim as imagens nos apresentam novos espaços, espaços desconhecidos, espaços ocultos, espaços escondidos de olhares direcionados e adultos, são espaços habitados apenas pelas crianças. Podemos dizer que estas crianças habitam um outro espaço, um outro mundo.

“Ação, Câmera, Luz: Entre imagens e olhares – Experiência de infâncias e Montagens”, 2009, FAPESP Processo – 2009/08359-2 e CNPQ – 400594/200-9;

“Infância, Pesquisa e Experiência: Reflexões e olhares para o Desenvolvimento Infantil a partir de produções imagéticas de professores e crianças”, 2011, FAPESP Processo - 11/22301-7 e CNPQ 400594/2009-9.

³ FAPESP processo 2014/02309-1

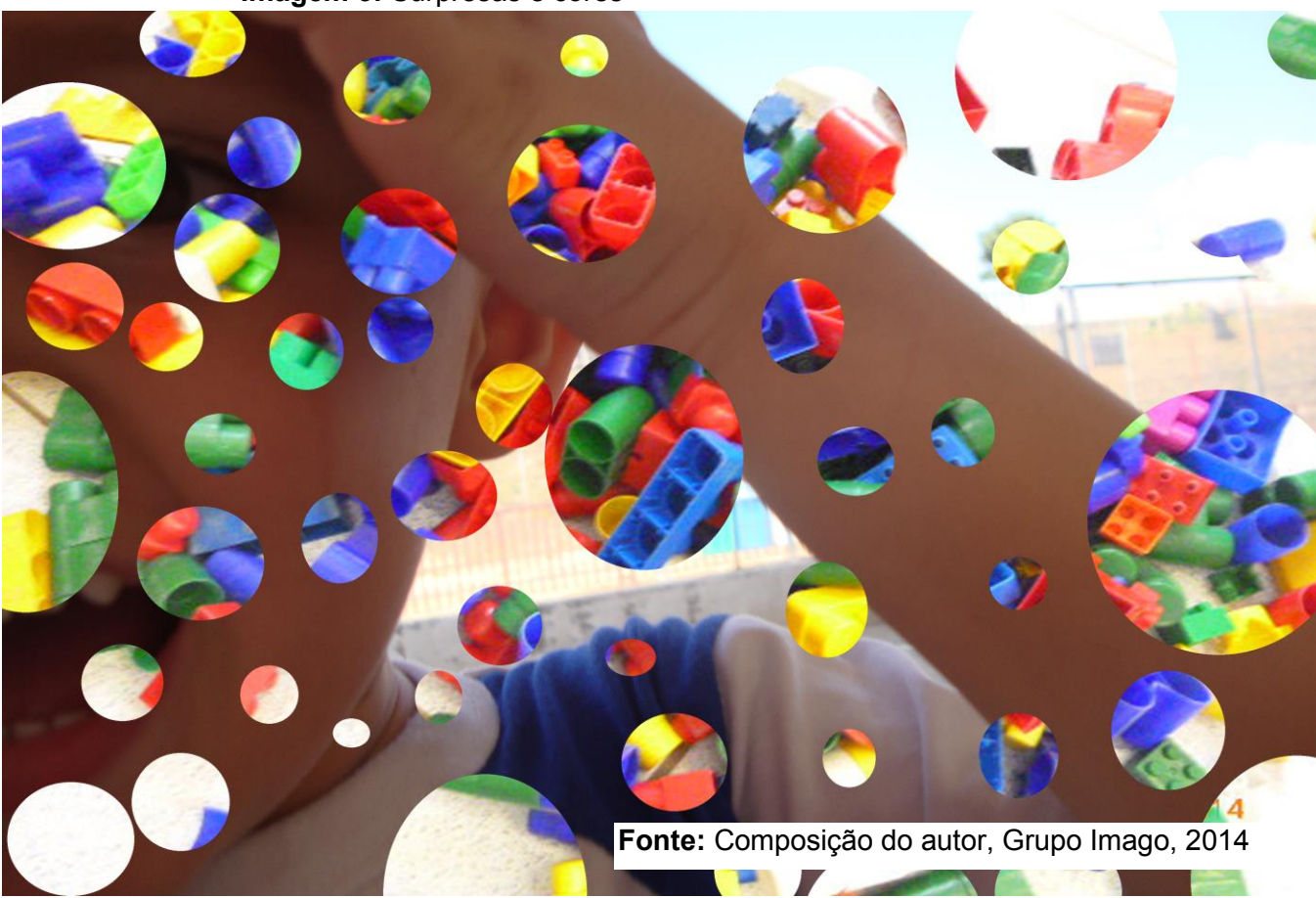
Nos apresentam também uma nova forma de olhar para o corpo, com o corpo, criando talvez um novo corpo. São corpos retorcidos, desfocados, focados, fragmentos de corpos, detalhes de corpos, detalhes nunca vistos, nunca percebidos.

As crianças provocam a necessidade de constantes deslocamentos, onde somos convocados por aquilo que emerge, aquilo que nos toca e que acontece naquele momento levando a experimentar novas possibilidades de trabalho e reflexão.

Pesquisa com crianças “é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer, trazer o pensado à proximidade do que fica por pensar, trazer o respondido à proximidade do que fica por perguntar”. (LARROSA, 2010, p. 142)

Assim, dentro do grupo não optamos por modos e métodos de pesquisas tradicionais pois a partir das pesquisa anterior, leituras e discussões, é notável que pesquisar com crianças e imagens é um convite a outras modalidades de pesquisa e de caminhar. Não é uma pesquisa como experimento, é um convite a caminhar e também um convite a um outro olhar, um outro modo de pesquisar.

Imagem 3: Surpresas e cores



Neste sentido, pesquisar com crianças é um convite à experiência, é uma “pesquisa como experiência”. Uma pesquisa que nos permite

[...] ser transformado pelas crianças, pelas imagens, pela escola. Sair da pesquisa sendo outro pesquisador, outra pessoa, outro professor, talvez seja o que buscamos quando aproximamos a pesquisa da experiência. De uma experiência que possa permanecer a margem de uma ciência que captura, uma experiência que sobreviva pelas margens, escapes, cercas quebradas. (OLIVEIRA, 2015, p. 69)

Na mesma direção Leite diz que “pesquisar com crianças é um convite a educar o olhar, pesquisar com crianças é um convite às dúvidas de todas as certezas”. (2011, p. 128)

Este é o caminho que seguimos junto ao grupo de pesquisa e também ao oferecer os equipamentos para as crianças durante a produção de suas imagens, o caminho da pesquisa como experiência.

Desta forma, durante os últimos quatro anos (2014, 2015, 2016 e 2017), a pesquisa “Do Outro Lado da Cerca” me ofereceu, além de imagens e ideias, muitas inquietações emergindo assim algumas questões: Quais são os espaços que as crianças nos apresentam? Como estes corpos se movimentam e se apropriam dos espaços? Quais são estes corpos? E que mundo outro, é este que as crianças nos oferecem?

Diante destas questões o objetivo deste trabalho foi problematizar, a partir das vivências dos projetos, das produções imagéticas e de uma revisão bibliográfica os espaços, as espacialidades e os corpos das crianças no universo da escola e suas relações no campo da educação.

Optei por realizar composições/edições com as imagens utilizando o software Adobe Fireworks CS6. É importante também ressaltar que as imagens aqui apresentadas foram autorizadas por pais e/ou responsáveis, através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em atendimento aos requisitos éticos da pesquisa em educação.

Cabe aqui pontuar que a escolha por estas imagens em específico se deu por questões de melhor delimitação do material utilizado dentro deste trabalho. Minha participação no Grupo Imago vai além da pesquisa citada. Neste sentido, as discussões presentes neste texto ultrapassam o material imagético apresentado.

É um texto que te convida a olhar a infância através de um outro olhar, um outro mundo,

[...] mundo que possui sua própria lógica, mundo esvaziado da lógica adulta que sempre se impõe sobre o mundo da criança, mas um mundo que não 'se organiza' não "se arruma" em referências dadas antes de uma lógica já dada, mas 'lógicas de outros tempos e outras razões', um mundo inseguro e irascível (LEITE, 2010 p.171).

Assim, este trabalho é um convite a experimentações que busca pensar com as imagens, montagens produzidas a partir das fotografias, poesias e trechos de relatos, sem procurar por verdades, mas sim experimentando as potências que emergem a partir destas produções e de outras experiências dentro do grupo, buscando tecer subjetivações e inquietações acerca das produções imagéticas das crianças.

Imagem 4: Espiando



2. DAS PRODUÇÕES IMAGÉTICAS

A pesquisa intitulada *“Do outro lado da cerca: experiências com imagens, infância e educação. Reflexões e olhares para o desenvolvimento Infantil a partir de produções imagéticas de professores e crianças”* se desenvolveu em uma escola municipal de Educação Infantil de Rio Claro - SP na qual, primeiramente, foram realizadas coletas de produções imagéticas (imagens e vídeos) com crianças de 3 a 5 anos.

A referida pesquisa teve como objetivo

[...] refletir sobre as possibilidades que as imagens e as produções imagéticas realizadas por crianças e professores/monitores de Educação Infantil, no contexto das práticas educativas, oferecem para construção de caminhos e para reflexões acerca dos processos de desenvolvimento infantil e das práticas educativas do professor. (LEITE, 2014, p. 07).

As coletas de imagens aconteceram em três salas diferentes. Uma sala de Maternal II com crianças de 3 e 4 anos, uma sala de Infantil I com crianças de 4 e 5 anos e uma sala de Infantil II com crianças de 5 e 6 anos. Os encontros contavam com a presença de dois ou três membros do Grupo Imago.

As visitas na escola foram realizadas em dois dias da semana no período da manhã e em um dia no período da tarde, com cerca de duas horas de duração cada, nas quais as crianças tinham liberdade total de explorar ou não as câmeras fotográficas, filmadoras e os *tablets*.

Os encontros não ocorreram apenas nas salas de aulas. Em alguns deles as crianças compuseram imagens e vídeos em outros espaços como o pátio, oquinho, as salas da direção e os corredores da escola.

Foram redigidos pelos membros do grupo presentes nas coletas relatórios com o intuito de descrever o que havia ocorrido naquele dia e pontuar momentos que mais despertavam a atenção dos pesquisadores.

É importante dizer que a sala de Infantil I possuía uma professora que já possuía o hábito de registrar momentos de suas aulas com fotografia e sempre

oferecia sua câmera para seus alunos produzirem imagens a partir das atividades propostas durante as aulas, ou seja, as crianças desta turma já realizavam produções imagéticas e tinham contato com um equipamento fotográfico antes da pesquisa do Grupo Imago.

Sucederam ao todo 24 encontros com as crianças, contabilizando um total de 21.121 produções imagéticas, nas quais 19.350 são imagens e 1.771 são vídeos somando em 12 horas 21 minutos e 50 segundos.

Vale ressaltar que algumas imagens apresentam “efeitos”. Estes “efeitos” foram inseridos pelas próprias crianças utilizando uma ferramenta encontrada, também por elas, nos *tablets* utilizados durante a pesquisa.

“A professora durante a coleta de imagens estava muito empolgada, parecia até que mais do que as crianças. Enquanto observávamos as produções ela nos atentava para situações que estavam acontecendo: “Ah...você perdeu ali”, “Cadê a menina que está registrando?”, “Vocês vão anotar isto no registro né?!””.

(Registro três, Arquivo Grupo Imago, 2014).⁴

Imagem 5: Momentos



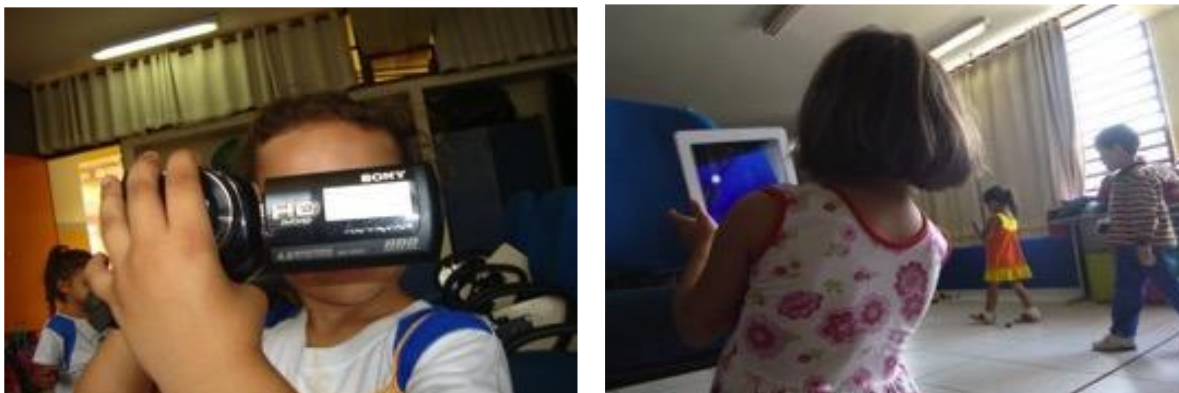
Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

⁴ Durante a pesquisa os membros do grupo produziram registros acerca de cada dia de coleta. Recortes destes registros compõem as experimentações deste trabalho.

“Para as crianças ligar os equipamentos foi ‘moleza’, rapidamente os pequenos iniciaram a produção de imagens. No começo meio tímidos e cuidadosos com os equipamentos, mas logo começaram a passear pelo espaço entre as outras crianças incentivadas pelo grupo de pesquisadores e pela professora da turma.”

(Registro dois, Arquivo Grupo Imago)

Imagem 6: Explorando os mundos

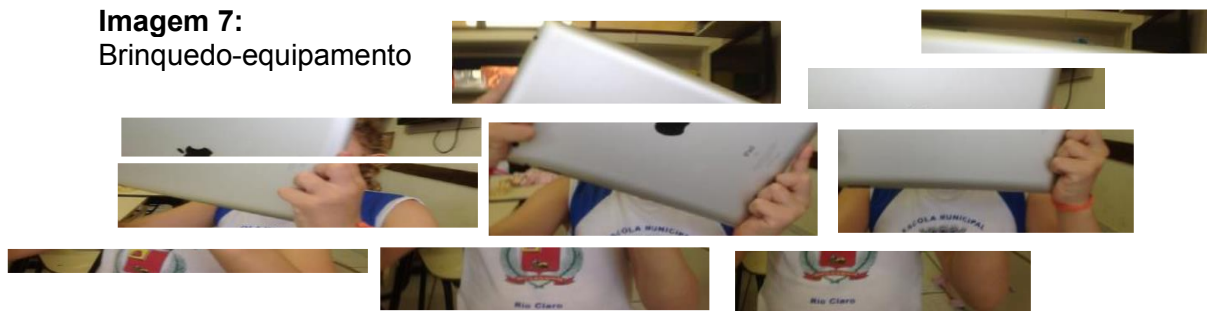


Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Os pequenos não utilizavam os equipamentos apenas para tirar fotos e filmar. Para elas parece que a utilidade das coisas não está definida a partir do seu significado, e neste sentido os equipamentos são ressignificados e passam a ter um novo sentido, muitas vezes se igualam a qualquer outro brinquedo que, antes de tudo, precisa ser explorado, experimentado, descoberto.

“O interesse maior de alguns alunos está nos Ipad, pois contém uma variedade maior de funções, dentre essas funções as crianças continuam a procurar os “joguinhos” e a nos perguntar onde eles ficam. Gostam muito do programa que tira fotos destorcidas, depois um grupo de crianças se agrupa e ficam gargalhando ao ver as imagens produzidas por tal.” (Registro dois, Arquivo Grupo Imago, 2014).

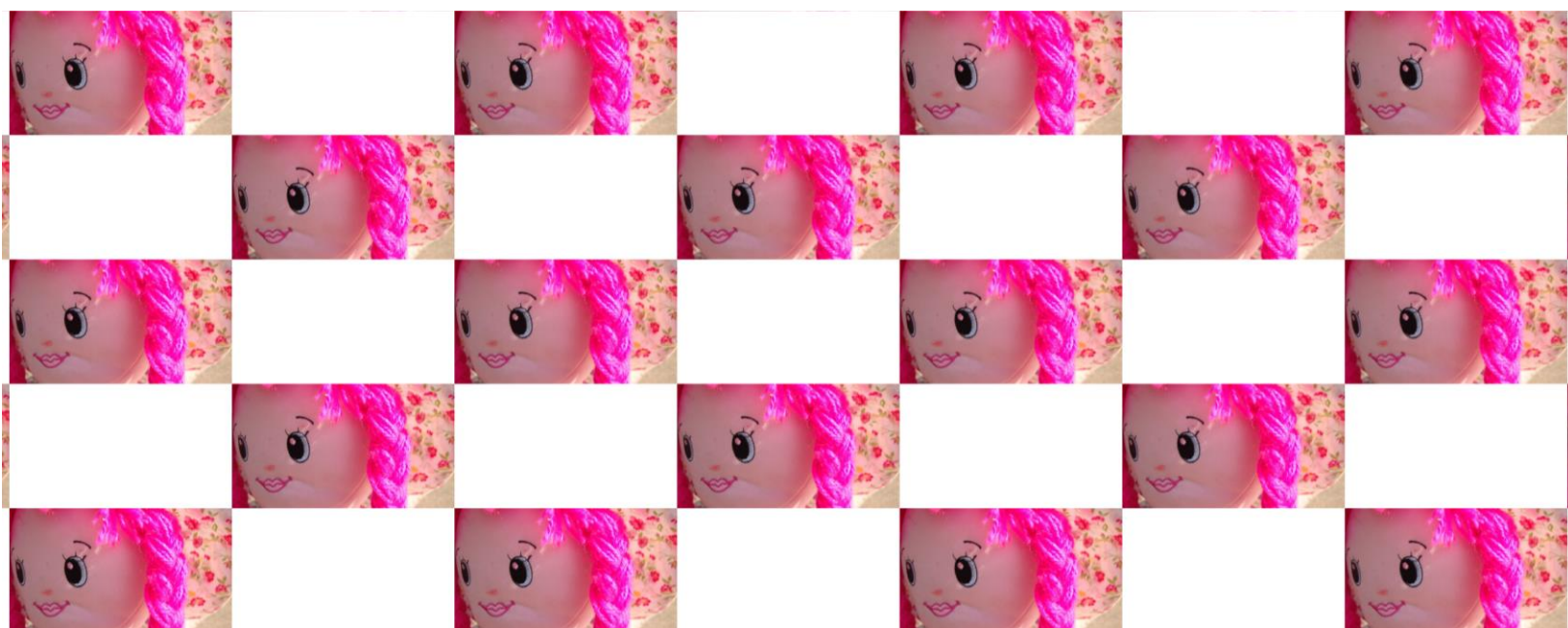
Imagem 7:
Brinquedo-equipamento



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

“Agora vocês vão descobrir o que era: o cabelo da boneca!” – Tendo aparecido na tela da TV uma imagem cor de rosa a professora questiona os alunos e estes dizem ser uma mancha de sangue ou a blusa de alguém, sem dar muita importância, no decorrer das imagens aparece a explicação daquela imagem “o cabelo da boneca”. Neste momento a professora muito satisfeita com a descoberta chama a atenção dos alunos para a explicação, mas estes não demonstram reação alguma, nem de surpresa, nem de dúvida, nada.”
(Registro 4, Arquivo Grupo Imago, 2014).

Imagem 10: Boneca significativa



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

“Um menininho explorando atentamente uma filmadora, apertando nela todos os botões encontrados enquanto caminhava com os olhos fixos no equipamento. E que depois, passado poucos segundos, abandona a filmadora sem interesse em utilizá-la para algo.” (Registro dois, Arquivo Grupo Imago, 2014)

Assim, as produções imagéticas são um convite a abertura, experimentações, ao deslocamento, a ser criança, ser infantil. São imagens rápidas, tremulas, são objetos, cores, pontos e borrões. São espaços desfocados, espaços ocultos, espaços outros, mundos outros.

3. INFÂNCIAS OUTRAS

Quem anda nos trilhos é trem de ferro, sou água que corre entre as pedras: liberdade caça jeito. (BARROS, 2011, p. 156)

Imagem 11: Balde espelho



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Para compor as reflexões deste trabalho utilizamos imagens criadas por crianças, com crianças, imagens infantis, imagens com infância. É preciso então falar, brevemente, sobre infância e criança.

A concepção de infância passou por diversas transformações ao longo da história. Epistemologicamente a palavra infância tem origem do latim *infantia* e refere-se ao indivíduo que ainda não é capaz de falar.

A ideia de infância apareceu

com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade. (KRAMER, 1995, p. 19)

em todas as épocas, todas as sociedades construíram idéias e imagens sobre seus membros de idade mais jovem, as quais se constituíram como modos funcionais de regulação das relações inter-geracionais e de atribuições dos diferentes papéis sociais. (SARMENTO, 2005, p. 23)

Dessa forma, pela origem da palavra, compreende-se que a criança é um ser que não teria condições de falar, de expressar seus pensamentos, seus sentimentos, suas vontades.

A palavra infância carrega consigo a ideia da incapacidade, de ser algo “menor” e da incompletude diante os adultos. Ela é vista como um sentimento que os adultos atribuem as crianças. E na maioria das concepções a criança é vista como um ser inacabado, incapaz de discernir o que é “certo e errado”, ser inferior que precisa de cuidado e proteção. Para o adulto a criança “precisa ser cuidada e vigiada em todos os seus movimentos, pois se isso não ocorrer a criança pode se perder”. (LEITE, 2011, p. 76)

Porém, para outros teóricos, a infância é um sentimento, estado, momento, passagem, possibilidade, acontecimento, assim criança e infância podem se misturar, mas são distintas, neste sentido todos nós podemos (devemos) ser infantis.

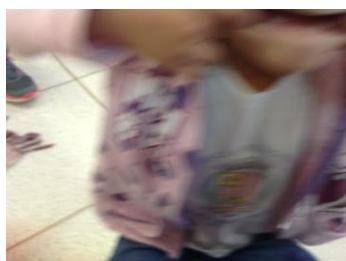
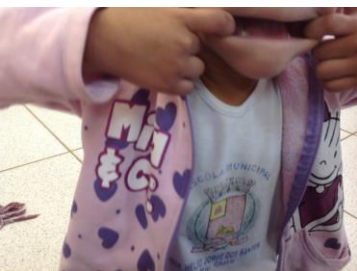
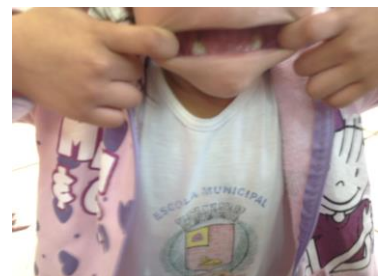
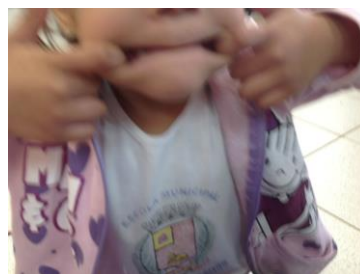


Imagem 12: Momento sorriso



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

A infância não vai do nascimento até certa idade, e a certa altura a criança está crescida, deixando de lado as coisas de criança.

A infância é o reino onde ninguém morre.

Edna St. Vincent Millay

É preciso transver a infância, a criança. É preciso um deslocamento sensível e vê-las de outro lugar. Do lugar que rompe com a 'adultez' que, fruto da modernidade, se vê, tão somente, imaturidade, incompletude, dependência. É preciso olhá-las do lugar da infância, da criança, reconhecer-se como infantes, como seres inacabados. (LEITE, CHISTÉ, 2015, p. 273)

Este trabalho segue no trilho da infância como sentimento, como estado, como acontecimento. Infância é liberdade, é lançar-se as experiências é ser livre da razão moderna, é o sentir, é um convite

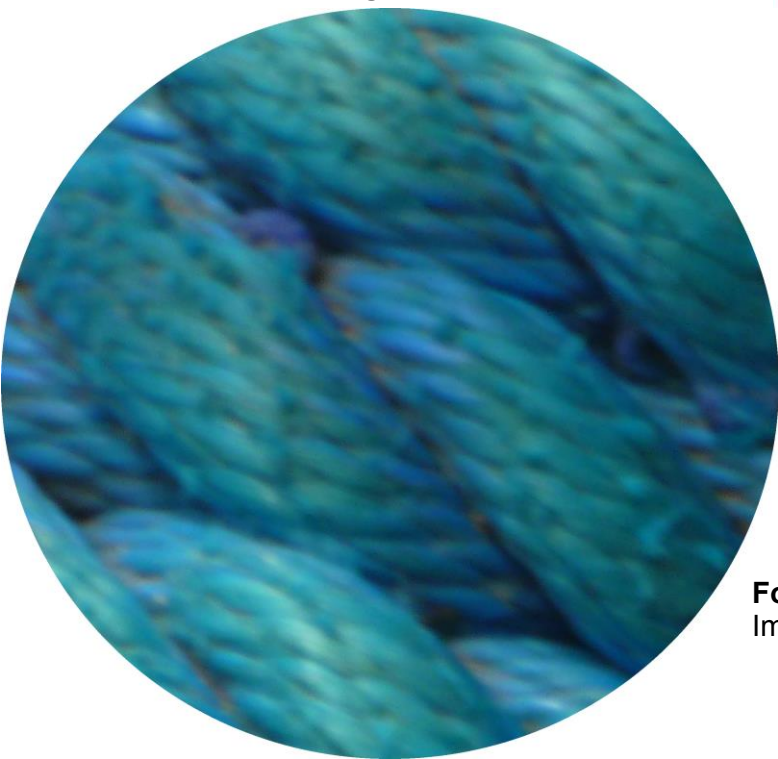
[...] a nos colocarmos nos inícios das coisas, naquilo que ainda não é, naquilo que pode vir a ser, a infância coloca de forma certa, precisa, não onde devemos chegar, mas sim o 'lugar' de onde partimos, criando a necessidade de, estando no início, no começo, nos colocar a caminhar, a experimentar. (LEITE, 2014, p. 8)

Imagem 13: Transvendo



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

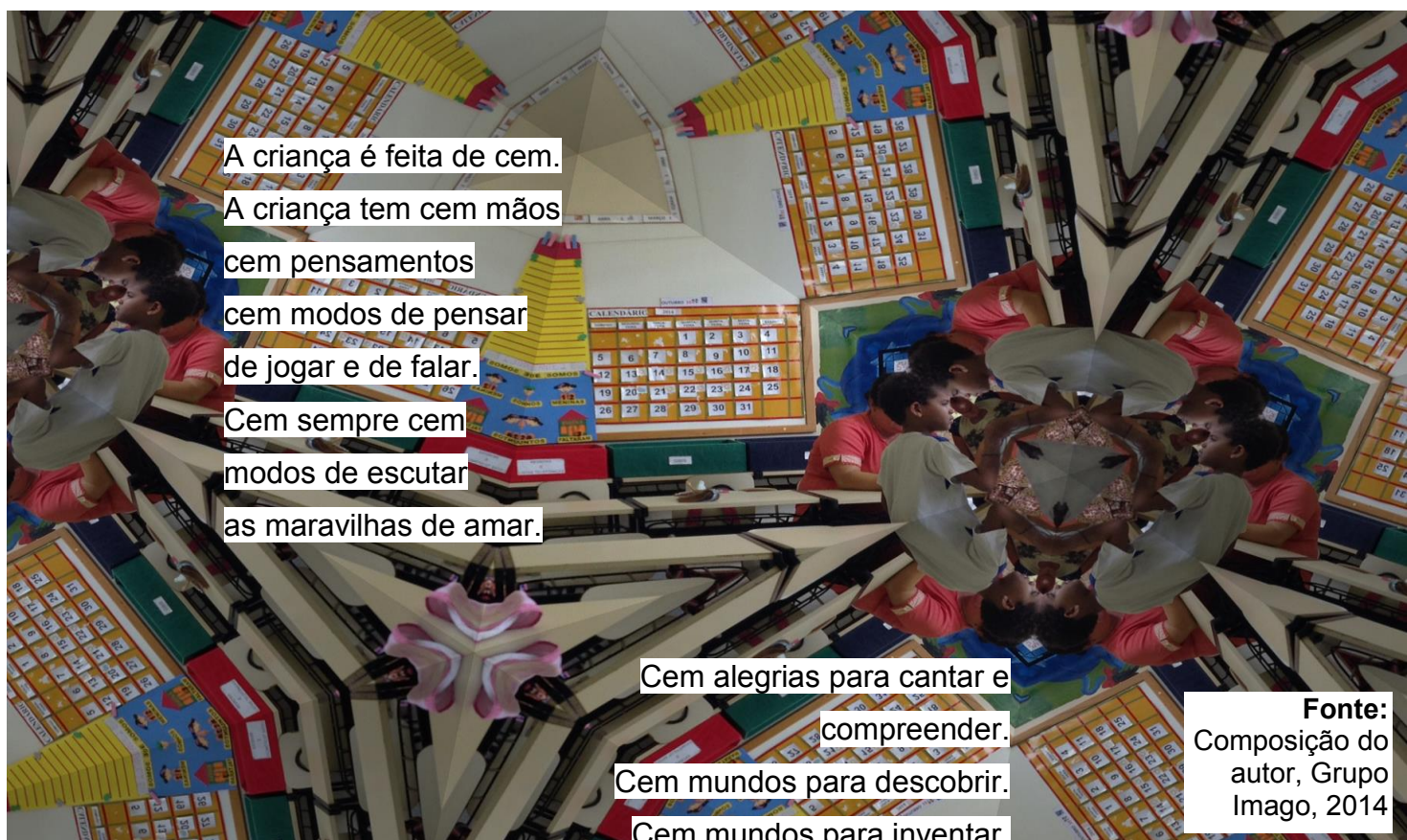
Imagem 14: Textura



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

4. ESPAÇOS, MUNDOS

Imagem 15: Mundos

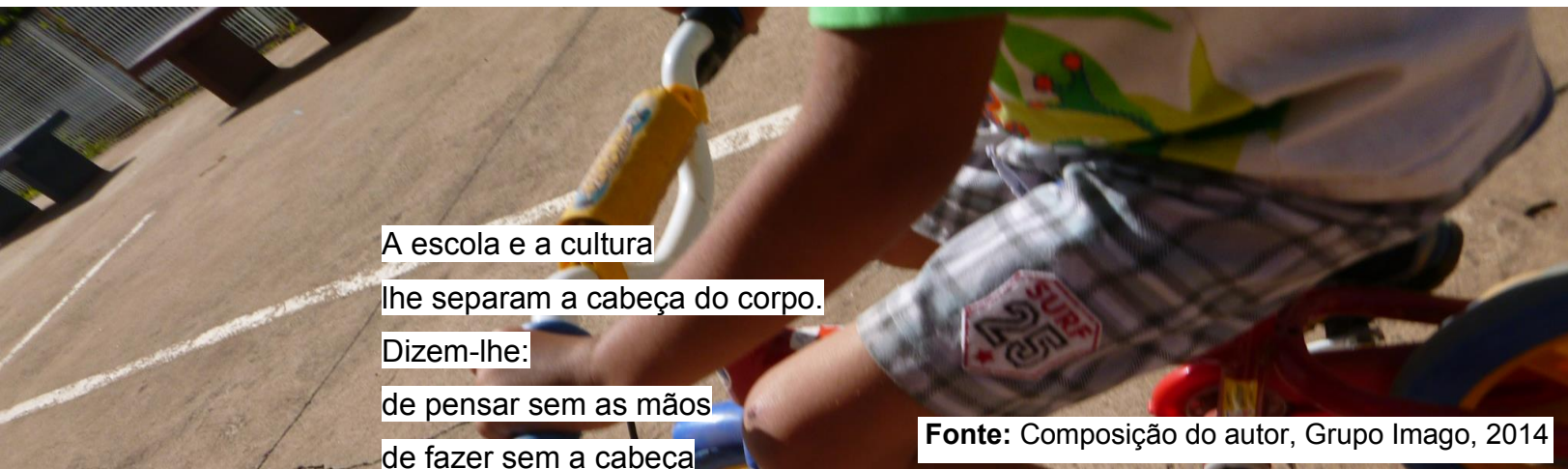


Cem mundos para sonhar.
 A criança tem cem linguagens
 (e depois cem cem cem)
 mas roubaram-lhe noventa e nove.

Imagem 16: Detalhe dedo



Imagem 17: Detalhe corpo



A escola e a cultura

lhe separam a cabeça do corpo.

Dizem-lhe:

de pensar sem as mãos

de fazer sem a cabeça

Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

de escutar e de não falar

de compreender sem alegrias

de amar e maravilhar-se

só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe:

de descobrir o mundo que já existe

e de cem

roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe:

que o jogo e o trabalho

a realidade e a fantasia

a ciência e a imaginação

o céu e a terra

a razão e o sonho

são coisas

que não estão juntas.

Dizem-lhe:

que as cem não existem

A criança diz:

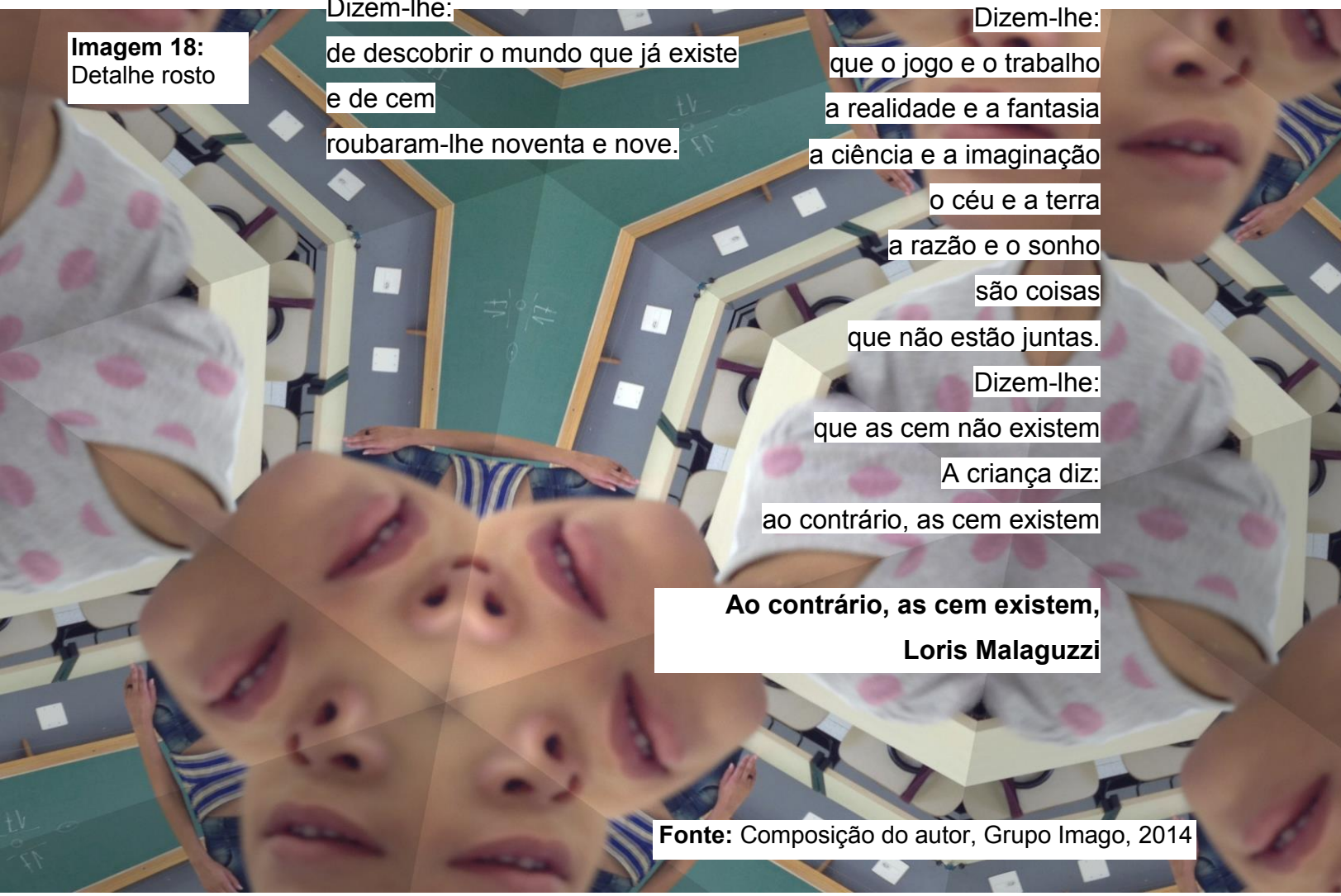
ao contrário, as cem existem

Ao contrário, as cem existem,

Loris Malaguzzi

Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Imagem 18:
Detalhe rosto



4.1. Por entre conceitos de espaço

Ao registrar os espaços entre... entre as cadeiras, entre as janelas e grades, entre os corpos, ao registrar o “mundo lá fora” para além da sala de aula ou um ponto qualquer a criança está construindo o seu lugar, seu espaço, seu mundo. Deste modo, o desafio aqui é discutir como as crianças criam enredos se apropriam, interagem e transformam o espaço escolar.

Quando entramos na escola ou em qualquer outro espaço, somos afetados de alguma forma. Podemos sentir cheiros, sons e cores, tatear, visualizar e experimentar, ou seja, o espaço nunca é neutro, ele sempre gera afetações. Nesta perspectiva, podemos considerar o espaço como

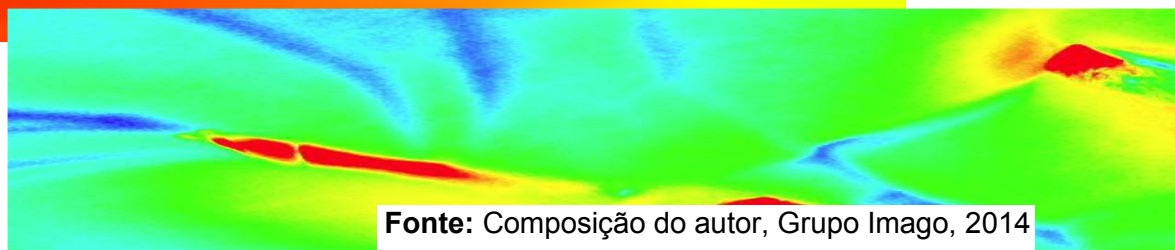
um todo indissociável de objetos, de odores, de formas, de cores, de sons, e de pessoas que habitam e relacionam-se dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo é formada por esses elementos que pulsam dentro dela como se tivessem vida. (HORN, 2004, p. 35)

E na visão de Milton Santos

o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. (2004, p. 153).

Assim, neste trabalho adotamos uma perspectiva do espaço como um todo indissociável de elementos físicos e estáticos e subjetivações, cores, sensações, odores, sons, sabores e afetações.

Imagem 19: Texturas cores



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

4.2. Escapando e profanando

Considerado as crianças, as produções imagéticas e as experiências da pesquisa, é possível observar que, em alguns espaços escolares a criança se vê diante de um “mundo sem graça”, espaços sem sentido, sem abertura para invenções e faz de conta. Isso acontece, pois, a escola e outros espaços, são dados e pensados pelos adultos.

Eles, os adultos, impõem os espaços destinados as crianças (pátio, parquinhos, caixa de areia, casinha) e os espaços de adulto (cozinha, salas da direção, dos professores, almoxarifado). Porém a criança transforma o espaço do adulto, ou qualquer outro, em seu, criando, o que estamos chamando de espaços infantis e mundos infantis.

Podemos dizer que as crianças são “agentes produtores do espaço que gestam e dão significados as suas espacialidades, construindo lugares, territórios e paisagens”. (LOPES, 2008, p. 04)

Imagem 20: Espaços outros



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Imagem 21: Momentos escapes

Fonte: Composição do autor,
Grupo Imago, 2014



Em muitos momentos durante os encontros levamos as crianças para explorar, brincar e experimentar os diferentes espaços da escola. E em qualquer um destes espaços como sala de aula, corredores, pátio, parquinho, salas da direção e banheiros, os pequenos buscavam formas de escapar, profanar e vazar por entre estes espaços.

Nos parece que o que as crianças oferecem pelas imagens são espacialidades distantes daquelas que se apresentam em uma imagem focada, enquadrada, centralizada e adulta. O que temos com as imagens infantis são objetos, pontos, borrões, espaços desfocados, espaços ocultos, espaços outros.

Imagem 22: (Ver)melhor

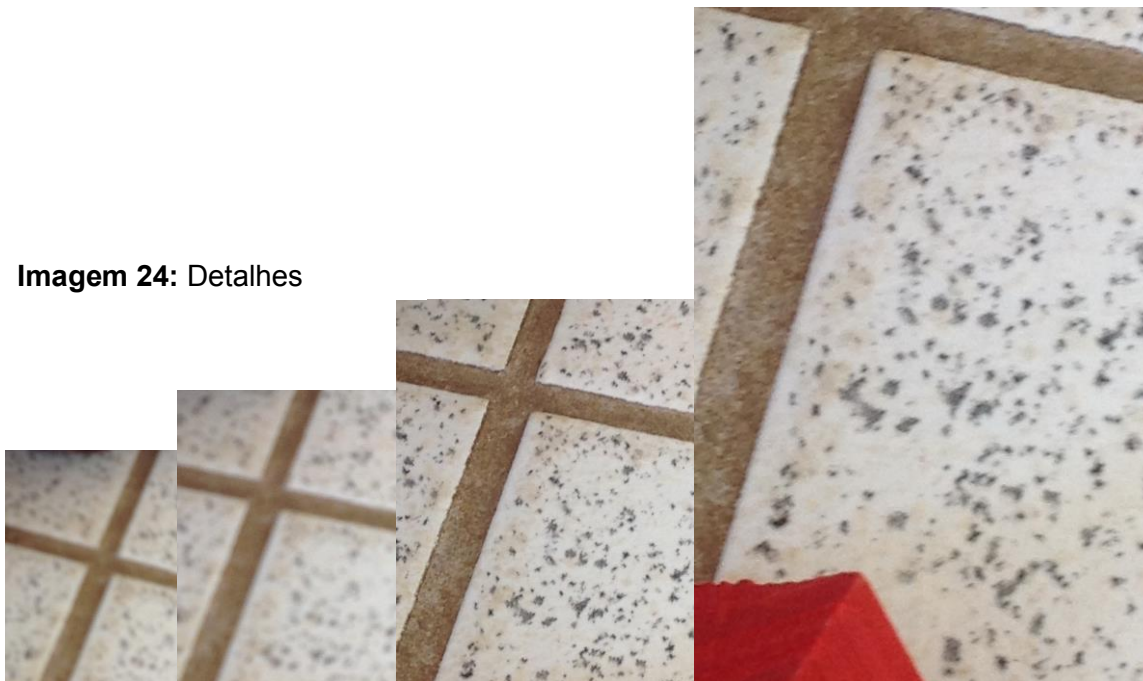
Fonte:
Composição
do autor,
Grupo Imago,
2014

Imagem 23: Por entre



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Imagem 24: Detalhes



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

4.3. Seres pequenos, pequenos seres

Imagem 25: Chão terra



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

As crianças [...] são seduzidas pelos seres pequenos, pelos pequenos seres, seres do chão, encontrados no pátio, no quintal, na terra, na areia, na grama. Elas percebem que o mundo, as coisas, os objetos, as palavras, não estão à nossa disposição para nos obedecer. Parece que elas sabem que tudo isso pode ser outras coisas, que como adultos, tentamos instrumentalizar. As crianças vêm o mundo com olhos sensíveis, por isso enxergam o invisível, o que nada mais é do que o demasiadamente visto, o não observado, o desprezível e o desprezado. (CHISTÉ, 2014, p. 622-623)

Imagem 26: Restos de infância



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Imagem 27: Ação



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Imagem 28: Buraco casa



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

4.4. Fora das linhas

Imagem 29: Escorrega pés



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano. [...] Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis que o terreno em torno. Somente quem anda pela estrada experimenta algo de seu domínio e de como, [...] ela faz sair, a seu comando, a cada uma de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas, assim como o chamado do comandante faz sair os soldados de uma fila. (BENJAMIN, 1995, p. 16)

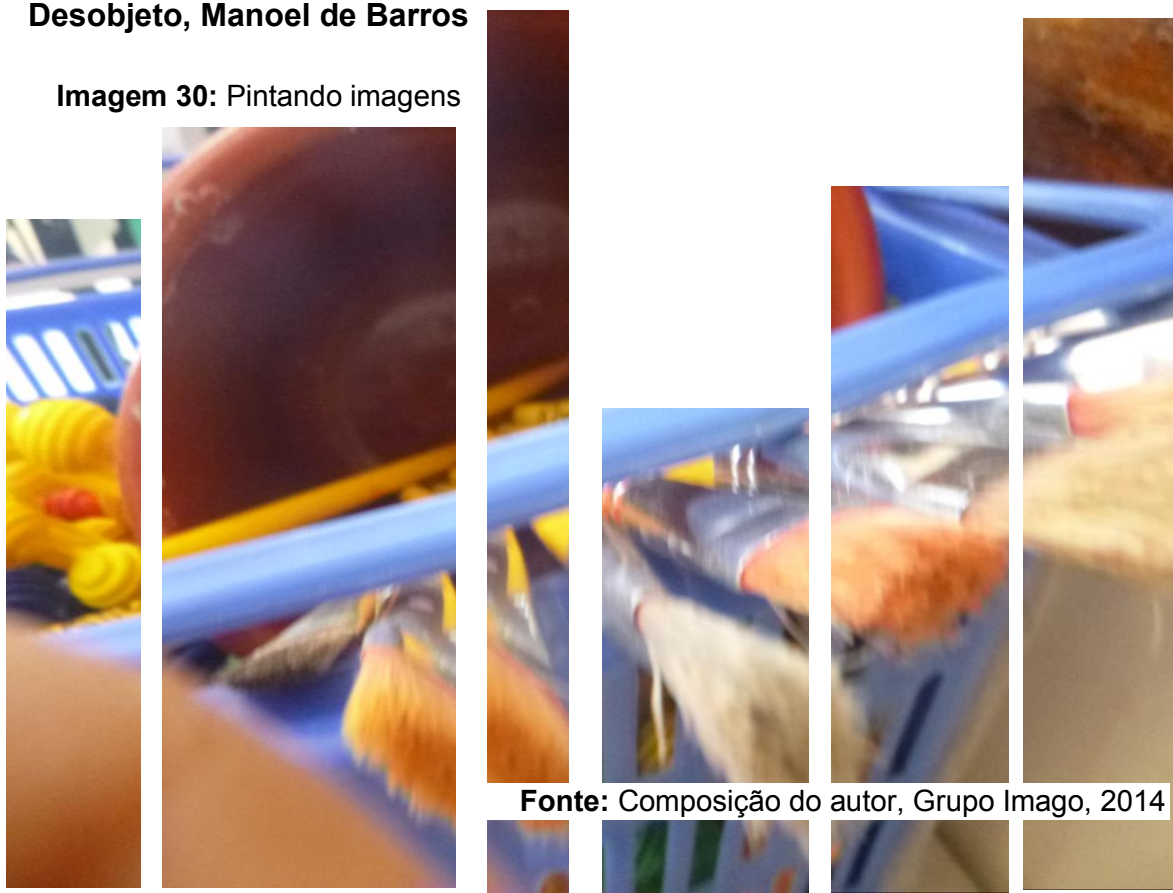
Penso que estes espaços outros emergem, pois, as crianças não possuem as amarras que se encontram nos adultos, elas se permitem ser criança, ser infantil, permite experiências e a subjetividade. Desse modo, a criança sempre anda pelas estradas se permitindo as experimentações, sem medos e barreiras.

O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente. O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada. Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem uma pedra um caramujo um sapo. Era alguma coisa nova o pente. O chão teria comido logo um pouco de seus dentes. Camadas de areia e formigas roeram seu organismo. Se é que um pente tem organismo.

O fato é que o pente estava sem costela. Não se poderia mais dizer se aquela coisa fora um pente ou um leque. As cores a chifre de que fora feito o pente deram lugar a um esverdeado musgo. Acho que os bichos do lugar mijavam muito naquele desobjeto. O fato é que o pente perdera sua personalidade. Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia mais nem pra pentear macaco. O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergara o pente naquele estado terminal. E o menino deu pra imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto. Eu acho que as árvores colaboravam na solidão daquele pente.

Desobjeto, Manoel de Barros

Imagem 30: Pintando imagens



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

4.5. Grandes pequenos

As crianças habitam outros espaços e mundos, não só pois elas possuem o sentimento de infância e experimentações mais afluído, mas também por questões da altura física em relação ao adulto.

Por serem fisicamente mais baixas e assim estarem mais próximas ao chão, as crianças possuem a tendência de visualizar e observar os pequenos objetos, falhas, insetos, areias, terras, etc. que estão no chão da escola e passam despercebidos dos olhares apressados e altos dos adultos.

Imagem 32: Pés grande



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Imagem 31: Vazante

Eu sou pequeno, me dizem,
e eu fico muito zangado.
Tenho de olhar todo mundo
com o queixo levantado.
Mas, se formiga falasse
e me visse lá do chão,
ia dizer, com certeza:
- Minha nossa, que grandão!

**Pontinho de vista,
Pedro Bandeira.**

Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

4.6. Grades vazantes

Imagem 33: Grades infantis



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Durante nossos encontros era possível observar que as grades da escola para os adultos são como objetos de apoio ao caminhar pelos corredores e de proteção para as crianças, já os pequenos, pela altura, se veem “aprisionados” e limitados diante destas mesmas grades.

Isso se dá pois, em geral os prédios escolares são pensados por arquitetos, que apesar de terem todo conhecimento em suas áreas de atuações, não compreendem, da mesma maneira que professores, alunos e demais pessoas que

vivenciam este espaço diariamente, gerando assim espaço limitadores onde deveriam existir espaços disparadores de sensações, afetações e criações.

É preciso colocar que algumas estruturas físicas das escolas são necessárias para proteção das crianças em certos espaços e contextos. Além disso, existem instituições que pensam seus prédios de formas a não limitar a criança dentro daquele espaço.

Segundo Lopes e Vasconcellos

toda criança é criança de um lugar. Do mesmo modo, toda criança é criança em algum lugar. Ou seja, existe na produção das culturas infantis uma ancoragem territorial que não apenas emoldura o contexto no qual se edifica a infância, mas, para além disso, oferece o próprio substrato material a produção da existência. (2006, p. 110)

Como exemplo cito as grades, já mencionadas anteriormente, presentes na escola da pesquisa, estas atravessam e influenciam na forma como as crianças ocupam, se locomovem e se apropriam daquele espaço.

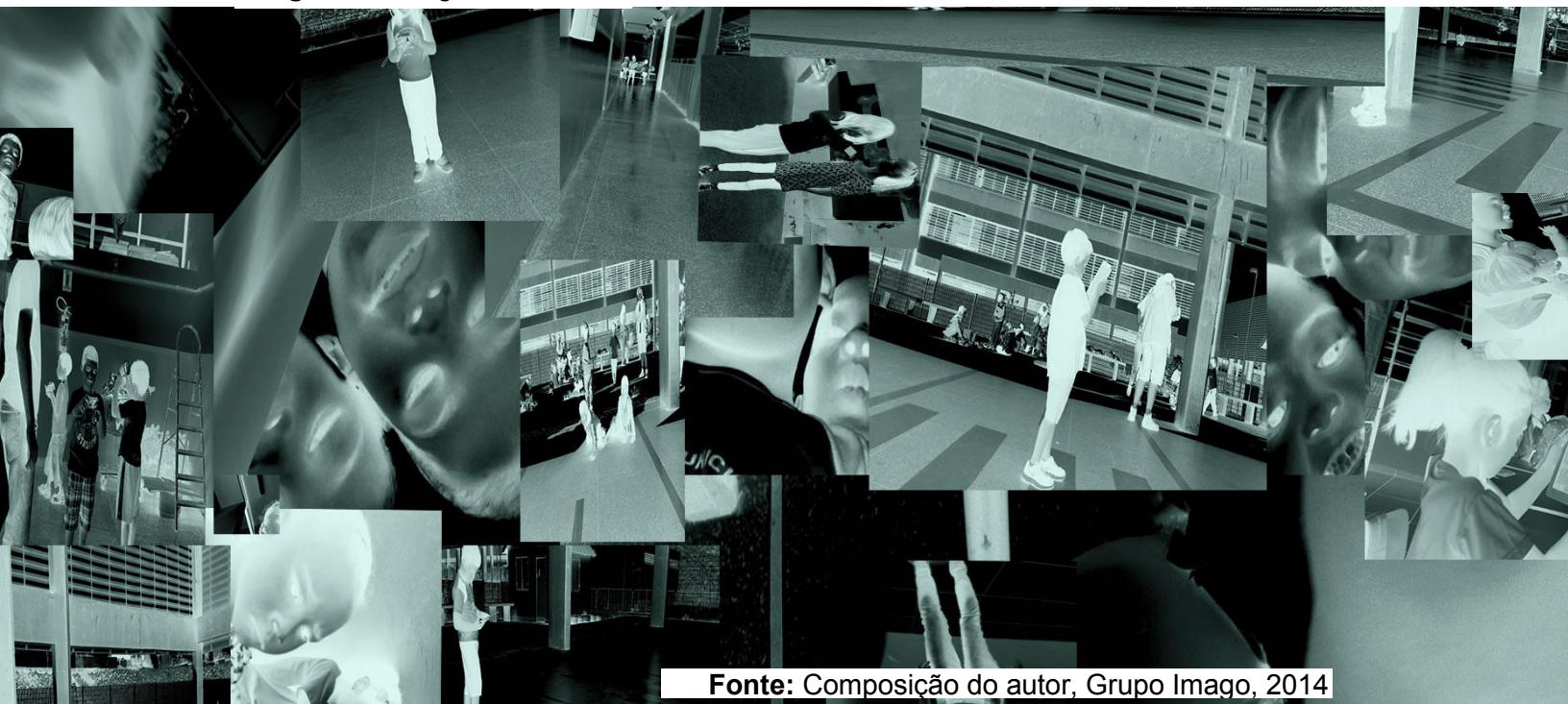
Imagem 34: Grades-sorrisos



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

4.7. Ocupações

Imagem 35: Negativos



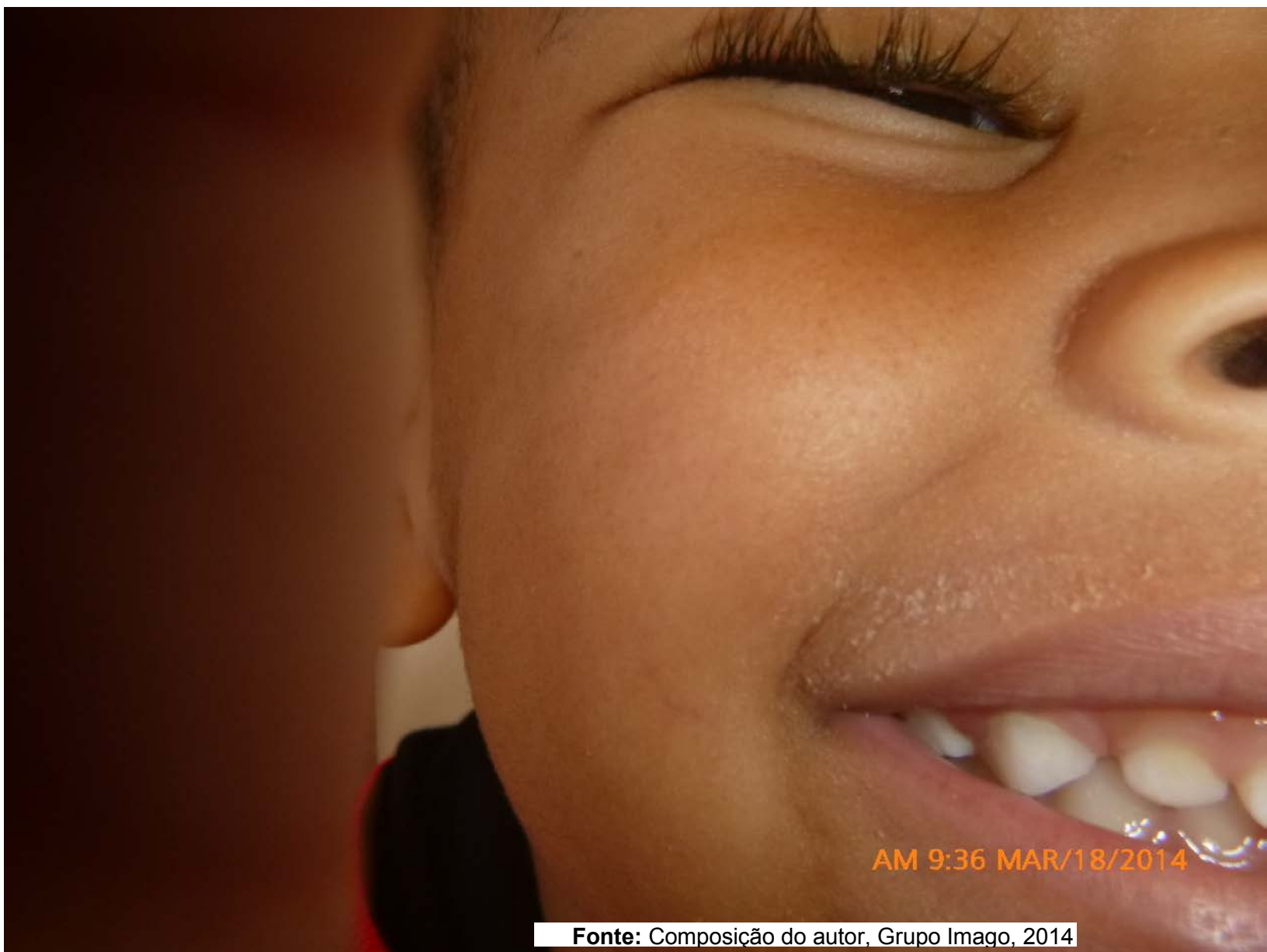
A estrutura escolar física, “os objetos que compõem o espaço, sua organização e seus atributos passam a ter significados diferentes para cada ser humano a partir de sua história de vida” (LOPES; VASCONCELLOS, 2006, p. 122), podendo influenciar em diferentes arranjos culturais, enredos e diferentes formas de ser criança e ser infantil dentro do espaço dado.

Assim, “são visíveis as influências do ambiente na forma como vamos nos relacionar dentro do mesmo, de acordo com o que ele pode nos despertar ou inibir” (FREITAS et al, 2015, p. 47). Neste sentido, a forma como o espaço é organizado influencia diretamente nos enredos que criamos ao nos ocuparmos destes espaços.

um território infantil não pretende criar identidades físicas, sociais, políticas, não pretende ter um mapa, muito menos ser um mapa. Um território infantil não fala de lugares, um território infantil, se por ventura falar, talvez possa falar de percursos, caminhadas, trilhas. (LEITE, 2011, p. 25)

5. CORPOS OUTROS

Imagem 36: Olhar imagético



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

[...] [as crianças] falam pelos pés, pés que falam; andam com a bunda, bundas que andam; veem com o ouvido, ouvidos que veem, ouvem com as mãos, mãos que ouvem, sentem com os olhos, olhos que sentem; tocam com a boca, os pés, com as pernas, as orelhas, os olhos, as mãos; boca, pés, pernas, orelha, olhos, mãos... que tocam e são tocados. (CHISTÉ, 2015, p. 69)

5.1. Zoom

Quando falamos de corpos o que emerge primeiro é o corpo físico, corpo material, corpo biológico, porem aqui vamos falar de outros corpos, corpos outros, corpos como potência, emergentes, corpos experiência.

As crianças tratavam os equipamentos de forma natural, com habilidade e destreza como se os tivessem utilizados durante toda vida. Seus corpos são como o zoom dos equipamentos. Para aproximar de um alvo, elas andavam ou esticavam o braço com o equipamento em direção ao objeto para dar o “zoom” desejado.

Nos parece que estes equipamentos se apresentam como se estivessem ‘incorporados’ aos seus corpos. Nas palavras de Leite, “são corposcâmeras se produzindo em câmerascorpos, corpos zoons, corpos quebras, corpos cenas, corpos montagens” (2013, p. 9). Assim as imagens emergem desses corposcâmeras, câmerascorpos.

Imagem 37: Copocâmera



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

“As câmeras não são mais meio, mas sim extensão do corpo, as câmeras e as imagens são formas, modos de explorar o meio, o espaço, o tempo. São corpos explorando, montando e sendo montados.” (LEITE, 2011, p. 135)

Imagem 38: Corpocâmera



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

Imagem 39: Corpocâmera



AM 4:59 MAR/28/2014

Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

5.3. Corpos moldados

A escola tende a adotar ações que disciplinam e geram limitações corporais, assim como cria as limitações de espaços.

É sob uma cadeira, sob a exigência de retidão corporal, de corpos aprumados e retos, enfileirados, que a escola tenta subtrair o corpo, imobilizar, enquadrar, engessar, cristalizar, dominar, o corpo e por conseguinte o pensar, o pensamento. Parece que a mente está matriculada na escola, e o corpo que a transporta, sede da cognição, incomoda, por isso, o dominam, o regulam, o expulsam (CHISTÉ, 2015, p. 71)

Além disso, a disciplina também pode ser entendida como um instrumento de homogeneização. Segundo Foucault

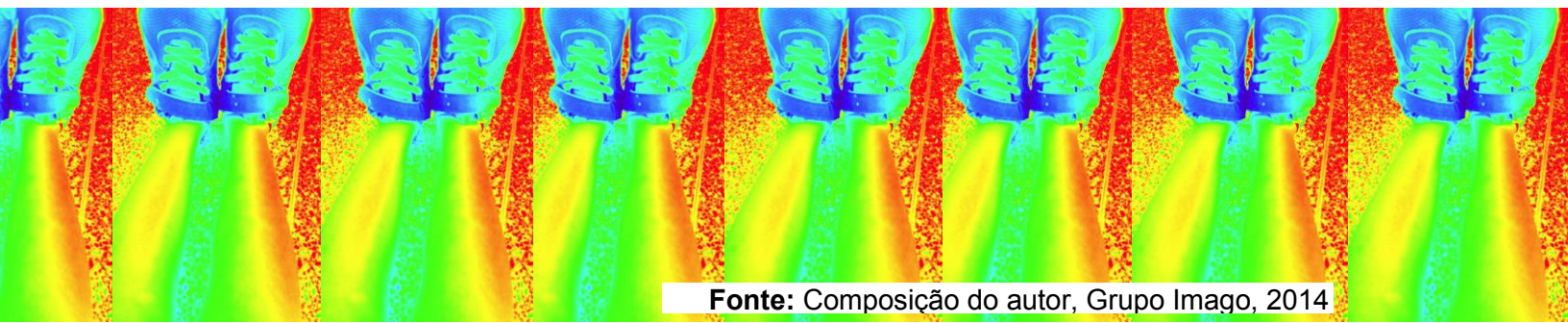
Ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. O poder disciplinar é, com efeito, um poder que em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”, ou sem dúvida adestrar para melhor retirar e se apropriar ainda mais e melhor. (2005, p. 143)

É preciso ressaltar que existem professores e escolas que buscam formas de desenvolver suas atividades que escapam de práticas disciplinadoras e homogeneizadoras.

Assim, as imagens produzidas pelas crianças sem roteiros e controle, nos mostram que elas apresentam formas de resistência a estas limitações. Os pequenos exibem outras formas, sentidos e funções para o corpo, que escapam do disciplinador e homogeneizador.

Ao experimentar as produções, podemos notar, no mesmo sentido como fazem com os espaços, que os pequenos não utilizam o corpo apenas para as funções já definidas, já dadas e fixadas pelo adulto. Elas, apresentam outras possibilidades de explorar os sentidos, formas e usos do corpo.

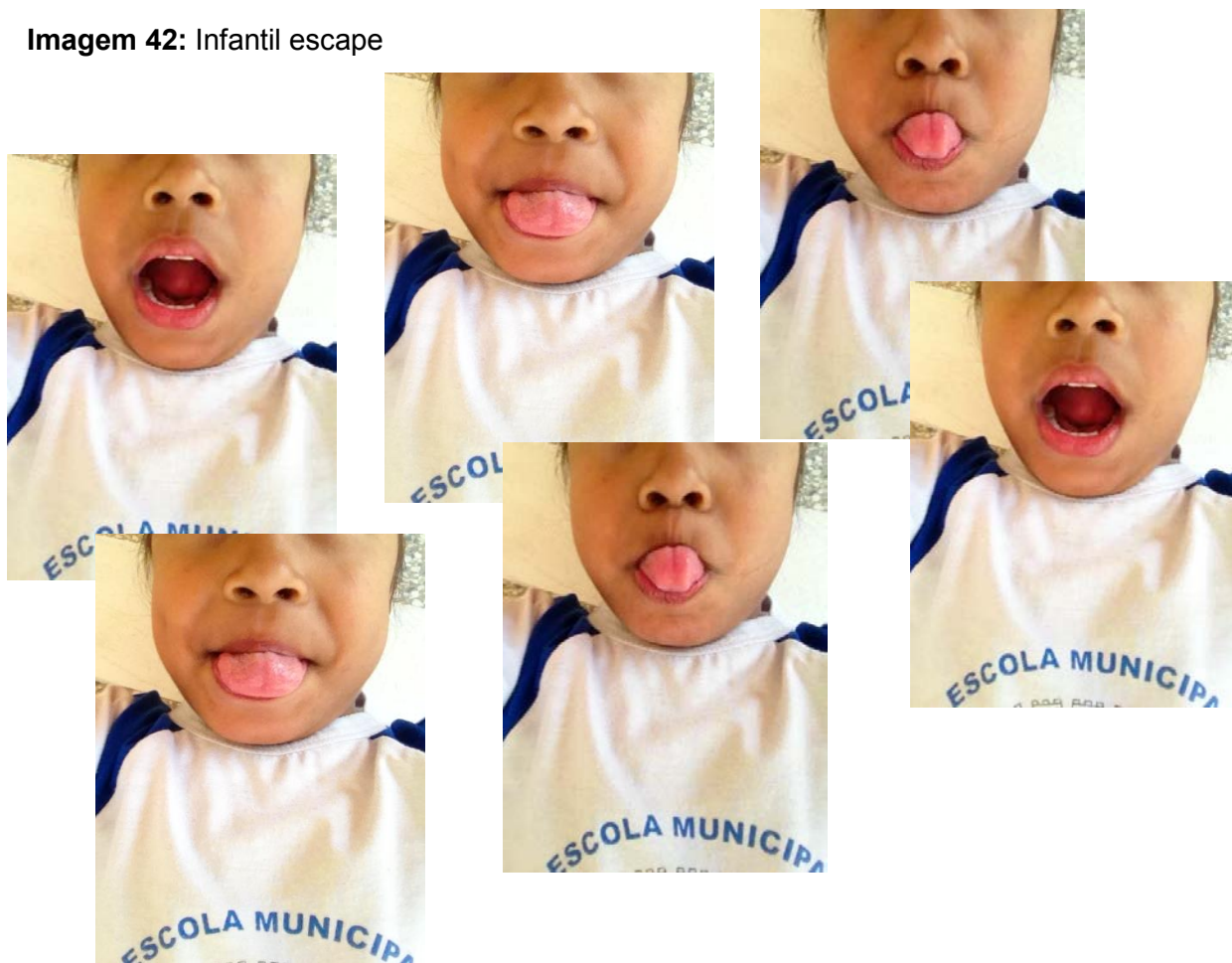
Imagem 41: Muitos pés



Além disso, as produções também nos permitem pensar a ligação e relações entre as crianças. Elas se permitem ao toque, esbarrão, abraços, entrelaço, texturas e cheiros, são corpos que coexistem. É natura, é normal, sem malícia. É mais uma vez diferente do adulto.

São corpos se inscrevendo em movimentos que não escapam às imagens, mas se apresentam nas próprias imagens, no multicolorido universo encontrado pelo movimento que desfoca, que rompe contornos, são virtualidades de um mundo sem sentido dado, previsto. São como imagens que ainda não são, que ainda não dizem, que ainda não falam por si, que não falam, são imagens de crianças, são imagens infantis. (LEITE, et. al., 2015, p 53)

Imagem 42: Infantil escape



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

5.4. Esse meu dedo

Neste sentido as produções imagéticas abrem a possibilidade de olhar o corpo, com o corpo. Corpos que deixam marcas, corpos em movimentos, em desolamentos, corpos que falam, que se misturam, misturas de corpos, corpos que escapam, que não se encerram em si, corpos infantis, corpos.

Esse meu dedo verde,
foi mamãe quem me deu,
pois plantei um limão
e ele logo cresceu.

Esse meu dedo azul,
foi o rio que pintou;
com vovô fui pescar,
e meu peixe voou!

O meu dedo amarelo,
só me dá confusão.

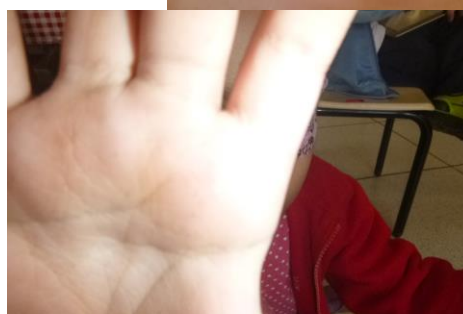
Fica dizendo a todos,
que não faço a lição

O dedo mais bonito
fica assim bem rosado,
pois é do coração,
e é bem comportado.

Esse meu dedo escuro,
eu mesma que pintei
pois fui brincar com fogo
e então me queimei.

Dedos Coloridos,
Rosa Clement.

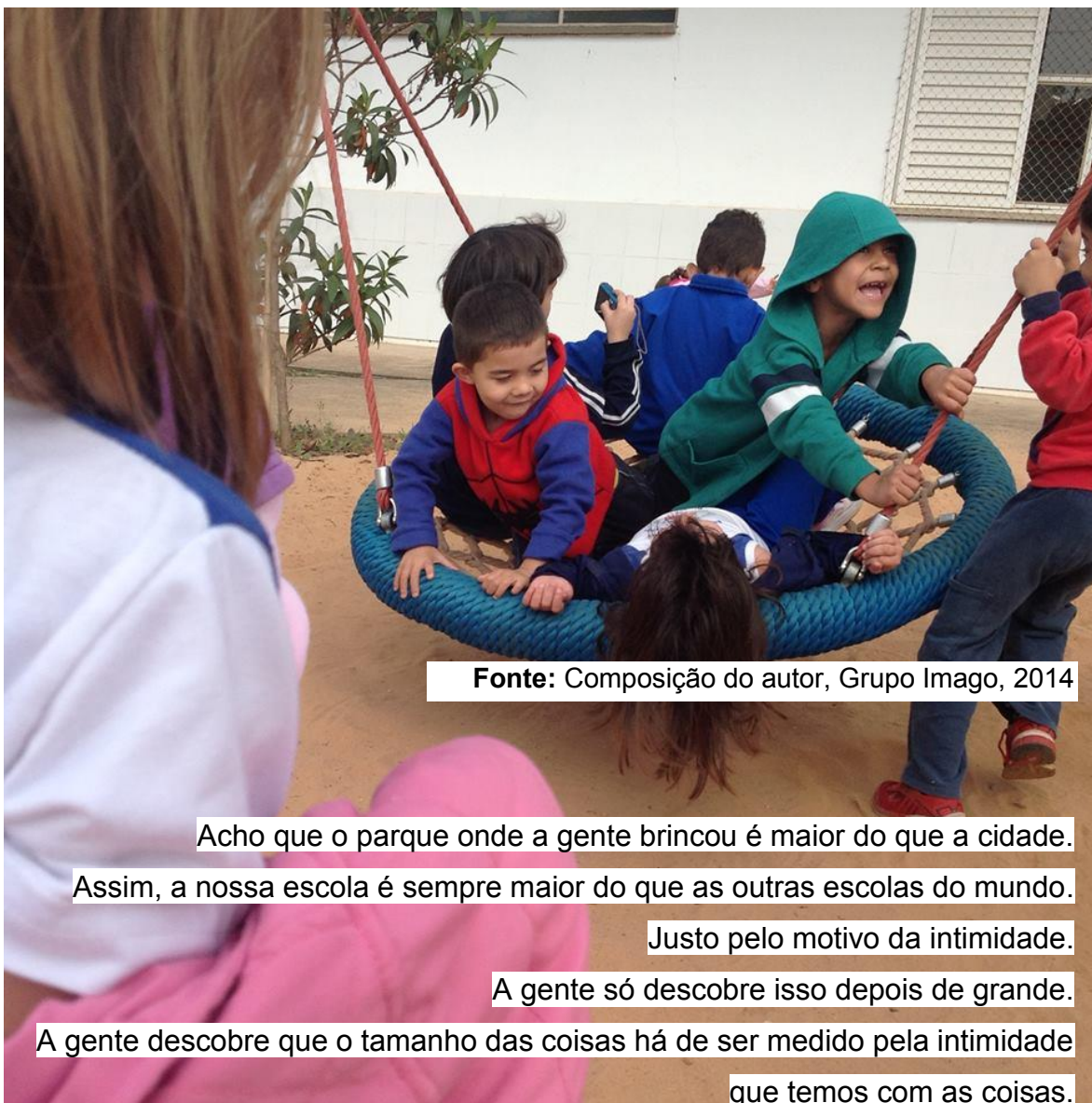
Imagem 43: Corpos coloridos



Fonte: Composição do autor, Grupo Imago, 2014

6. CONSIDERAÇÕES (SEM) FINAIS, IMAGÉTICAS E POÉTICAS

Imagem 44: Um mundo infinito no parque



Mas o que eu queria dizer sobre a escola é outra coisa.
Aquilo que a professora nos contava e no final sempre avisava. Um dia você
terá saudades.
Daí que também me ensinou a não desprezar as coisas desprezíveis.

(Bricolagem por Vinícius Marques Silva e Noemi Guimarães Rosales
a partir do texto de BARROS, 2010, p. 59)



Imagem 45: Coisa desimportante

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

O Apanhador de Desperdícios

Manoel de Barros

Fonte: Composição do autor,
Grupo Imago, 2014

TRILHOS PERCORRIDOS (REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS)

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal, [trad. francês: Maria Ermantina Galvão; revisão: Marina Appenzeller]. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BANDEIRA, P. **Pontinho de Vista**. Disponível em:
<<https://peregrinacultural.wordpress.com/2011/08/12/pontinho-de-vista-poesia-infantil-de-pedro-bandeira/>> Acesso em: 27 jan. 2018.

BARROS, M. **Achadouros**. In: Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2008.

_____. **Desobjeto**. In: Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2008.

_____. **O Apanhador de Desperdícios**. In: Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2008.

_____. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

CHISTÉ, B. S. **Devir – Criança da Matemática**: Experiências educativas infantis imagéticas. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2014.

_____. **Infância e criança e imagens** – travessias do universo infantil. Linha Mestra, n. 24, p. 622-625, jan/jul. 2014. Disponível em:
<https://linhamestra24.files.wordpress.com/2014/07/linha_mestra_24_19_cole_02_comunicacoes_andressa_cintia.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.

CLEMENTE, R. **Dedos Coloridos**. Disponível em:
<<http://www.sumauma.net/amazonian/criancas/crianca-dedos.html>> Acesso em: 30 mai. 2018.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HORN, M. da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

KRAMER, S. **A Política do Pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana**. Danças, piruetas e mascaradas. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEITE, C. D. P. **Cinema, Educação e Infância: Fronteiras entre Educação e Emancipação**. 2013. Disponível em:

<<http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/146>>

Acesso em: 20 mar. 2018.

_____. **Do outro lado da cerca: Experiências com imagens, infância e educação**. Reflexões e olhares para o Desenvolvimento Infantil a partir de produções imagéticas de professores e crianças. FAPESP – Projeto de Pesquisa. 2014.

_____. **Infância, Experiência e Tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LEITE, C. D. P.; CHISTÉ, B. **Imagens de crianças: travessias do universo infantil**. Revista Educação (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 2, p. 272-279, maio-ago. 2015.

LEITE, C. D.P. **Experitempos de experinfâncias: re-cortes de montimagens de formação**. Tese de livre docência, Departamento de educação, Universidade Estadual “Julho de Mesquita filho”. Rio Claro - SP: Editora UNESP, 2010.

LOPES, J. J. M. **Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias**. In: Contexto e Educação, Ano 23, nº 79, p. 65-82, Jan./Jun. 2008.

MALAGUZZI, L. **Ao contrário, as cem existem**. Disponível em:

<<http://themaeducando.com.br/blog/ao-contrario-as-cem-existem-loris-malaguzzi/>>

Acesso em: 25 abr. 2018.

OLIVEIRA, L. P. de. **Relatórios de minorias com crianças e imagens: contornos de uma pesquisa margarida**. 2015. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2015.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6 ed. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SARMENTO, M. J. **Crianças: educação, culturas e cidadania activa**. In: Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis: Editora da UFSC, v. 23, 2005.

ANEXO

Anexo A – Registros dos encontros de coleta de imagens

Registro Dois – Por Luana Priscila de Oliveira (Pesquisadora do Grupo Imago)

Na chegada à escola fomos acolhidos por um delicioso cheiro de pipoca, estava acontecendo uma festa junina interna, ou seja, sem a presença dos pais e comunidade. Nesta festa participam então: as crianças, professoras, e funcionários da instituição. Com direito a brincadeiras, vestimentas caipiras, apresentações de dança e comida típica, todas as crianças estavam reunidas na área externa da escola e as atividades de estendiam ao espaço do parque (tanque de areia).

Enquanto as apresentações das crianças aconteciam a professora C, que no momento está cedendo suas aulas para a realização do “Projeto Fotografia” (assim intitulado por ela), estava ocupada tirando fotos das crianças individualmente frente a um painel decorativo. Decidimos então aguardá-la para dar início a produção de imagens. Assim, que a professora terminou sua tarefa, perguntamos a ela se poderíamos entregar os equipamentos às crianças e sua resposta foi negativa seguida da justificativa de que antes de começar a produção de imagens era preciso conversar com as crianças sobre o cuidado que deveriam ter com os equipamentos, segundo ela isto faz parte da rotina: antes de uma atividade se faz necessário uma explicação. (Quando a professora disse para não entregássemos os equipamentos às crianças tive medo que por conta do projeto ela privasse os pequenos de aproveitar a festa junina levando-os para dentro da sala, sorte que isto não aconteceu. Por conta disso cheguei até falar que não nos importávamos que as crianças permanecessem naquele espaço).

Respeitamos a decisão da professora e aguardamos sua autorização para entregarmos os equipamentos. Terminada as apresentações (danças juninas) a professoras reuniu as crianças em um banco e conversou com elas, enfatizou que poderiam brincar, mas que também registrariam a festa junina da escola. Perguntou quem sabia ligar os equipamentos e entregou-os desligados às crianças, a fim de que estes explorassem os equipamentos. Para as crianças ligar

os equipamentos foi “moleza”, rapidamente os pequenos iniciaram a produção de imagens. No começo meio tímidos e cuidadosos com os equipamentos, mas logo começaram a passear pelo espaço entre as outras crianças incentivadas pelo grupo de pesquisadores e pela professora da turma. Vale ressaltar, que após as instruções dadas pela professora C, esta se afastou de seus alunos deixando-os livres.

Enquanto uma das integrantes do grupo realizava o *making of* das produções imagéticas das crianças o restante dos pesquisadores observava, interagia com os pequenos, e tecia comentários. Desta mescla de olhares alguns acontecimentos merecem ser destacados:

- Um menininho solitário que por longo tempo se ateve em retirar fotos com uma câmera fotográfica. Ele mirava seu alvo, retira a foto e olhava com ela tinha ficado, por vezes mostrava à um de nós;
- Algumas crianças que rapidamente abandonaram os equipamentos e preferiram brincar;
- Uma menininha que muito irritada disse “Não dá para filmar com a câmera, cadê a S? Não vejo nada” quando sem perceber tinha deixado o zoom da filmadora no máximo;
- A rápida dispersão dos equipamentos e seus usos pela escola: crianças de outras salas produzindo imagens, professoras com as câmeras em mãos retirando fotografias dos alunos, tablets sendo utilizados para escrever;
- Um menininho explorando atentamente uma filmadora, apertando nela todos os botões encontrados enquanto caminhava com os olhos fixos no equipamento. E que depois, passado poucos segundos, abandona a filmadora sem interesse em utilizá-la para algo;
- Vários pedidos das crianças para que fizéssemos alguma pose antes delas baterem a foto, ou falas do tipo: “fique parado”, “vai mais pra lá”, “junte mais”;
- O sorriso automático de algumas crianças quando um colega mirava o equipamento para seu rosto.

A finalização deste segundo encontro de coleta de dados imagéticos aconteceu quando as crianças foram reunidas para comer pipoca e bolo e beber guaraná. A pedido das professoras os pequenos nos entregaram os equipamentos. Após o lanche algumas crianças sem nos consultar foram até os equipamentos e começaram a brincar novamente. Quanto nos demos conta, as professoras já não estavam mais ali. Restaram somente as funcionárias, talvez monitoras, que tentavam em meio a correria trazer as crianças para junto delas. Concluímos então que a atividade de produção de imagens estava finalizada. Desligamos os equipamentos e fomos até a sala dos professores nos despedir da professora C e da coordenadora, e também combinar o próximo encontro.

Registro Três – Por Luana Priscila de Oliveira

A professora durante a coleta de imagens estava muito empolgada, parecia até que mais do que as crianças. Enquanto observávamos as produções ela nos atentava para situações que estavam acontecendo: “Ah...você perdeu ali”, “Cadê a menina que está registrando?”, “Vocês vão anotar isto no registro né?!”.

No início da coleta a professora, como de costume, reuniu as crianças e pediu que conversássemos com elas sobre o que estávamos fazendo ali. Pediu que eu (L) questionasse sobre a função principal de cada equipamento. As crianças rapidamente responderam que a câmera servia para “tirar fotos”, demoram mais para verbalizarem que a filmadora servia para “filmar”, quando perguntei se a câmera podia ser usada para filmar também, as crianças disseram que não. Foi unânime a resposta de que o tablete servia para jogar, depois veio a fala “para escrever” e o tirar fotos foi a última função a ser mencionada.

Após conversa entregamos os equipamentos para as crianças, que no momento estavam na área externa da escola brincando com seus brinquedos: bonecas, ursinhos, carrinhos, máscaras e etc. Foi interessante perceber como a entrega dos equipamentos ampliou o espaço de circulação dos pequenos. Antes eles estavam próximos um dos outros com os brinquedos, depois eles se juntaram em pequenos grupos e se dispersaram pelo espaço. Algumas crianças preferiram continuar brincando com seus brinquedos, mesmo eu dizendo que poderiam

brincar com os equipamentos também. Duas ou três meninas queriam saber onde “escrevia” no tablete e uns meninos procuravam jogos (até que encontraram!). Uma criança perguntou se tinha joguinhos na filmadora também, e um menininho após utilizar o tablete tentou manipular a tela da câmera fotográfica com os dedos, imitando o uso do tablete, como se a tela fosse *touch screen*.

Presenciamos crianças fazendo pose para saírem nas fotos, crianças preparando outras crianças para a captura da imagem e quando este processo demorava demais ela desistia da fotografia. Falas do tipo: “você está muito perto”, “faz uma pose”, “como fiquei na foto”, “onde eu vejo a foto que tirei”, circulavam o processo de produção das imagens.

A Professora C ficou surpresa e nos chamou a atenção quando um menininho ao tirar uma foto dela se afastou (“criando uma distância” como disse ela) quando percebeu que a professora não caberia inteira na foto.

Foi solicitado pela professora que realizássemos a troca de equipamentos entre as crianças, ela disse que assim os pequenos também nos respeitariam. Apesar dessa preocupação de que todas as crianças utilizassem os equipamentos, as próprias crianças negociavam suas trocas, poucas intervenções foram necessárias. Uma situação interessante, neste aspecto, aconteceu quando uma menininha foi até outra criança e trocou uma câmera por um tablete, em seguida, se dirigiu a outra criança e trocou o tablete por uma filmadora, feito isto, satisfeita com o equipamento que estava em suas mãos saiu a filmar.

Alguns equipamentos eram abandonados nos bancos, principalmente as filmadoras, parece que as crianças se interessavam mais em tirar fotos e explorar as diversas funções dos tablets. Pelo que observei na coleta as filmagens eram curtas, pois as crianças pareciam estar tirando fotos com as filmadoras. Elas miravam o alvo e apertavam o botão vermelho, fato que encerrava a filmagem ao invés de tirar a foto.

Nos tablets as crianças se dedicavam mais a se observarem e observarem aos outros por meio do equipamento do que em capturar imagens, poucas vezes vi as crianças apertado o botão de captura.

Neste sentido, as câmeras fotográficas eram utilizadas de maneira mais convencional e intencional. Isto talvez se deva ao fato da professora ter a prática de registrar por fotos acontecimentos do dia-a-dia de seus alunos, da sala de aula e da escola.

Pelos olhos, lentes, dos equipamentos espaços físicos se expandem e ganham novos contornos, os equipamentos atraem as crianças como um ímã, a produção se torna uma coletividade, outras vezes o mundo descoberto (ou visto de outro modo) se torna mais atraente do que as “lentesbrinquedos” e estas são abandonadas. Neste momento, outros encontros de corpos acontecem, novas atrações, agrupamentos que duram segundos, se desfazem e se refazem em novas junções. As imagens atraem corpos, os corpos atraem outros corpos, mais ainda sim o mundo e o brincar nele atraí, por vezes, mais fortemente os corpos. E isto pode ser visto quando subimos para a sala de aula, no caso na sala de outra turma (Infantil II), e o mundo se vê diminuído, limitado pelas paredes, livros, estantes, lousa, cadeiras, mesinhas, crianças e entre tudo isto pouco espaço para corpos tão intensos e imensos. Os pequenos voltaram a se interessar pelos equipamentos e até disputá-los, parece que havia ali uma necessidade de escapar, voltar a enxergar o mundo do qual eles foram privados.

Chega a hora do intervalo e das crianças e estas descem para o refeitório, ficamos na sala eu, a bolsista B e a bolsista A, a conversar acerca das produções das crianças. Sentidos sendo tecidos no calor do momento. Rascunho algumas anotações, nos despedimos da professora e mais uma coleta de dados é finalizada.

Registro Quatro – Por Luana Priscila de Oliveira

Em resposta a solicitação da professora, este dia, além da produção de imagens, houve a visualização das imagens produzidas nos outros encontros, no caso somente as fotografias. Em um primeiro momento tentamos utilizar a TV com

DVD da própria sala de aula, mas como não funcionou nos dirigimos a sala de vídeo da escola.

Segue algumas impressões:

- Chamou minha atenção a certeza das crianças em relação as suas produções. “Ah...fui eu quem tirei essa foto do meu dedo!” (Fala de S);
- No ato de passar as imagens e comentá-las esteve muito presente a busca por uma interpretação das mesmas pelas crianças por meio do direcionamento e incentivo constante da professora. “quem é esse da foto?”, “quem estava com essa blusa no dia”, “de quem é aquele tênis?”, “O que vocês acham que é essa foto cor de rosa?”, “Agora vocês vão descobrir o que era: o cabelo da boneca!” – Tendo aparecido na tela da TV uma imagem cor de rosa a professora questiona os alunos e estes dizem ser uma mancha de sangue ou a blusa de alguém, sem dar muita importância, no decorrer das imagens aparece a explicação daquela imagem “o cabelo da boneca”. Neste momento a professora muito satisfeita com a descoberta chama a atenção dos alunos para a explicação, mas estes não demonstram reação alguma, nem de surpresa, nem de dúvida, nada;
- O aluno R, que é muito tímido e isolado, pela primeira vez se interessa pela produção de imagens e pega um equipamento. Este fato se deve a certa intimidade que estava começando a aparecer entre este aluno e um pesquisador-bolsista, V, parece que o aluno foi conquistado. Essa criança começa a brincar com o equipamento e sua expressão e comportamento em instantes é transformada radicalmente, ele entra atrás da cortina, debaixo da TV, percorre a sala, com um sorriso no rosto e com gestos muito empolgados;
- Um menino, J H, nos assustou, pois enquanto visualizava algumas imagens no tablete começa a excluir várias delas. Apagador de dados! Uma pesquisadora bolsista, Ana, se aproxima e questiona o que ele está fazendo, recomendando que ele parasse de apagar as imagens. Neste

momento o aluno responde assim “Não está vendo, estão borradas, estão muito feias, precisa apagar, joguei no lixo!”;

- Outro fato que chamou a atenção foi a admiração da professora quando percebe um aluno utilizando formas de apoio dos braços como se fosse um fotógrafo profissional para capturar as imagens.

Outras considerações poderiam ter sido tecidas acerca da visualização das imagens pelas crianças, contudo este registro fora escrito muito tardiamente o que lhe custou a riqueza de detalhes. De qualquer modo, cabe considerar que a atenção das crianças nesta atividade foi muito curta, passado uns 5 minutos de exibição de imagens, elas já estavam fazendo outras coisas: conversando, brincando, produzindo outras imagens, etc.